



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

CARNAVAL DE FANO (ITÁLIA): REVISITANDO AS TRADIÇÕES CULTURAIS LOCAIS

FANO CARNIVAL (ITALY): REVISITING LOCAL CULTURAL TRADITIONS

(Recebido em 08.06.2015; Aceito em: 05.02.2016)

Beatriz Helena Furlanetto

*Prof^a. Dr^a da Universidade Estadual do Paraná
Campus Escola de Música e Belas Artes do Paraná
Curitiba, PR, Brasil
e-mail: beatrizhelenafurlanetto@gmail.com*

Monica Ugolini

*Prof^a. do Departamento de Ciências Humanas
Universidade de Urbino Carlo Bo
Urbino, PU, Itália
e-mail: monica.ugolini@uniurb.it*

RESUMO

O texto investiga, na perspectiva da geografia cultural, a festa carnavalesca da cidade italiana de Fano, considerando-a uma criação coletiva capaz de revelar as representações e os valores sociais que um determinado grupo atribui ao seu espaço. As festas ocupam papel relevante na dinâmica social, são produzidas e reproduzidas a partir das relações e materialidades do espaço geográfico, e constituem-se uma importante temática para a inteligibilidade das relações dos homens entre si e com os lugares. Entendidas como manifestações da cultura de um determinado povo, as festas são dinâmicas e multifacetadas, transformam-se no tempo e no espaço, e seus significados simbólicos podem ser percebidos e interpretados de diferentes maneiras. A pesquisa é fundamentada na análise documental, bibliográfica e pesquisa de campo. Para compreender as festas carnavalescas, o aporte teórico é constituído por autores de diferentes áreas científicas, como o geógrafo Guy Di Meo (2001), o filósofo Mikhail Bakhtin (1993), os historiadores Peter Burke (2010) e Mary Del Priore (2000), o historiador e antropólogo Norberto Luiz Guarinello (2001). Constata-se que as tradições culturais

de Fano têm sido revisitadas e ressignificadas, alimentando o imaginário popular. Neste sentido, o carnaval se mostra como um elemento distintivo da cultura local, e pode ser reapropriado como instrumento de status social, propaganda turística ou mercadológica. Entretanto, em relação ao passado, o carnaval de Fano parece contribuir de um modo menos significativo no processo de construção identitária e na reafirmação dos laços de pertencimento ao lugar.

Palavras-chave: Geografia Cultural, Festa, Cidade de Fano.

ABSTRACT

The text investigates, in the perspective of cultural geography, the carnival party of the Italian city of Fano, considering it a collective creation capable of revealing the representations and the social values that a particular group attaches to your space. The parties take up relevant role in social dynamics, are produced and reproduced from the relations and material elements of the geographic space, and constitute an important theme to the intelligibility of men's relationships with the places and themselves. Understood as manifestations of the culture of a particular people, the parties are dynamic and multifaceted, becomes in time and space, and their symbolic meanings can be perceived and interpreted in different ways. The research is based on documentary analysis, bibliographical and field research. The carnival party is understood from the theoretical contribution of authors from different scientific areas, such as the geographer Guy Di Meo (2001), the philosopher Mikhail Bakhtin (1993), historians Peter Burke (2010) and Mary Del Priore (2000), the historian and anthropologist Luiz Norberto Guarinello (2001). It is noted that the cultural traditions of Fano has been revisited and re-signified, enriching the popular imagination. In this sense, the carnival shows as a distinctive element of local cultural, and can be re-appropriated as an instrument of social status, tourist or market advertising. However, compared to the past, the Fano Carnival seems a less significant contribution in the construction of identity and the reaffirmation of belonging to the place.

Keywords: Cultural Geography, Party, City of Fano.

INTRODUÇÃO

Fano é uma pequena e antiga cidade italiana de origem romana, situada na Costa Adriática, na Região Marche, famosa durante muito tempo por seu porto de pesca e, sobretudo, por ser a sede do carnaval mais antigo da Itália. A cidade foi fundada com o nome *Fanum Fortunae*, e conserva numerosos testemunhos arqueológicos e artísticos do seu passado glorioso, como o Arco de Augusto e a muralha que circunda o centro histórico.

Ainda hoje, a festa carnavalesca se mantém como uma das principais tradições culturais da comunidade de Fano e atrai milhares de turistas. Entretanto, nos últimos anos, tem ocorrido, aparentemente, um distanciamento entre a festa e a comunidade.

As festas, na perspectiva da geografia cultural, constituem-se um valioso campo investigativo para o entendimento das relações dos homens entre si e com os lugares. Neste sentido, a partir da festa carnavalesca de Fano, busca-se apreender como as tradições culturais locais têm sido preservadas e/ou abandonadas, e os possíveis significados que a comunidade atribui ao seu espaço.

A pesquisa é fundamentada na análise documental, bibliográfica e pesquisa de campo. Primeiramente, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados na investigação e, na segunda etapa, a abordagem teórica sobre as festas carnavalescas. Na terceira etapa realiza-se a contextualização do carnaval de Fano, destacando os elementos históricos da festa e as tradições que se mantêm vivas na atualidade. A quarta etapa apresenta a dinâmica espacial da festa, articulando a discussão teórica aos dados levantados no trabalho de campo. Na última etapa são expostas as conclusões sobre a festa carnavalesca de Fano.

Importa ressaltar que, como toda realidade comporta uma pluralidade de olhares, os resultados desta pesquisa apresentam apenas parte de uma realidade rica e dinâmica. As reflexões apresentadas são menos centradas sobre os fundamentos socioeconômicos dos fenômenos festivos que sobre seu papel na construção das relações sociedade-espaço.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

O entendimento da complexa relação sociedade-natureza em diferentes espaços pode ser explorado através de inúmeros caminhos, a partir do diálogo da geografia cultural com outras áreas de conhecimento, tais como a psicologia, a antropologia, a sociologia, a história, a arte e a filosofia. Esta perspectiva possibilita estudos multidisciplinares, como o presente trabalho realizado sobre o carnaval de Fano.

Nesses caminhos podem ser considerados tanto a dimensão material da cultura como a sua dimensão não-material, tanto o presente como o passado, tanto objetos e ações em escala global como regional e local, tanto aspectos concebidos como vivenciados, tanto espontâneos como planejados, tanto aspectos objetivos como intersubjetivos. O que os une em torno da geografia cultural é que esses aspectos são vistos em termos de significados e como parte integrante da espacialidade humana (CORRÊA e ROSENDAHL, 2007, p.13-14).

Para compreender as festas carnavalescas, o aporte teórico foi constituído por autores de diferentes áreas científicas, como o geógrafo Guy Di Meo (2001), o filósofo Mikhail Bakhtin (1993), os historiadores Peter Burke (2010) e Mary Del Priore (2000), o historiador e antropólogo Norberto Luiz Guarinello (2001).

A discussão sobre o carnaval abordou, de um lado, a visão tradicional do universo carnavalesco como um espaço de confraternização, onde a rotina é suspensa, promovendo a entrevisão utópica de outra forma de vida. Por outro lado, discutiu-se a apropriação da dimensão simbólica da festa, verificando como a tradição e os valores culturais foram ressignificados, no tempo e no espaço, em função de uma nova realidade social.

A análise documental sobre o carnaval de Fano foi realizada a partir de informações verificadas nos arquivos históricos e bibliotecas municipais. O documento, de acordo com Chizotti (2006), é entendido como qualquer informação sob a forma de textos, imagens, sons, sinais, contida em um suporte material, bem como informações orais obtidas através de diálogo, exposições, reportagens faladas.

Para a coleta de dados optou-se pela observação participante que, segundo Chizotti (2006, p.90), “é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para recolher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e pontos de vista”. Assim, o trabalho realizado em campo foi desenvolvido no período de um mês, estabelecendo-se contato direto com a área de estudo e seus componentes sociais.

As atividades de observação da festa, na cidade de Fano, foram exercidas durante o mês de fevereiro de 2014. Alguns dos moradores de Fano que compõem o cenário da festa contribuíram com informações sobre o carnaval, expondo suas experiências, memórias, conhecimentos e afetividade. Com um dos interlocutores – geógrafo, professor e pesquisador, natural da cidade, aproximadamente 70 anos de idade, que participa do carnaval desde a infância, embora atualmente seja apenas

espectador – foi possível manter um contato mais próximo e recolher depoimentos minuciosos sobre a festa, a cidade e a comunidade local.

Ainda como estratégias de investigação de campo foram realizadas fotografias e registros audiovisuais. A abordagem geográfica focou o vivenciar do tempo festivo carnavalesco, assentado nos espaços públicos locais.

Parafraseando Claval (1999, p.63), “os homens, os grupos e os lugares são realidades variáveis” que devem ser estudados criteriosamente e profundamente, respeitando sua natureza “material, histórica e geográfica”. Nesta direção, buscou-se apreender como as tradições culturais do carnaval de Fano têm sido reapropriadas pelo imaginário popular.

AS FESTAS CARNAVALESCAS

Ao longo da história ocidental, as festas carnavalescas têm sido celebradas como um tempo de liberdades, utopias e transgressões, um território lúdico configurado por elementos sagrados e profanos, plenos de simbolismos. No carnaval, as danças, as músicas e os jogos geralmente se associam ao prazer e à alegria, mas a festa pode exprimir, também, frustrações, anseios, críticas e reivindicações de vários grupos sociais. Entendidas como manifestações da cultura de um determinado povo, as festas são dinâmicas e multifacetadas, transformam-se no tempo e no espaço, e seus significados simbólicos podem ser percebidos e interpretados de diferentes maneiras.

Para Del Priore (2000), a festa pode ser considerada como expressão teatral de uma organização social, como fato político, religioso ou simbólico que desempenha importante função social: possibilita o compartilhamento de sentimentos, valores e normas da vida coletiva, serve de exutório à violência, reafirma os laços de solidariedade e permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças.

Ao abordar a cultura carnavalesca medieval, como os festejos do carnaval, os espetáculos cômicos e as obras cômicas verbais, Bakhtin (1993, p.8) afirma que esses atos e ritos se opunham à cultura oficial, oferecendo outra visão de mundo, exterior à Igreja e ao Estado: como um rito de inversão, o carnaval representava um período de suspensão da rotina, inaugurando um mundo paralelo ao mundo oficial,

um “reino utópico da universalidade, liberdade, igualdade e abundância”. Conforme o autor, enquanto as festas oficiais da Idade Média, promovidas pela Igreja e pelo Estado, sancionavam o regime estabelecido e consagravam os valores e normas vigentes, o carnaval abolia provisoriamente as hierarquias e os tabus, celebrando uma liberação temporária do regime em vigor. Assim, a visão carnavalesca do mundo refere-se a uma linguagem de inversões, marcada por uma lógica do avesso, pela paródia, pela profanação, elementos responsáveis pela construção de um mundo às avessas.

Bakhtin (1993, p.30) observa que, a partir da segunda metade do século XVII, em razão da estatização da vida festiva e da perda dos seus laços com a cultura popular da praça pública, a visão do mundo carnavalesco “começa a transformar-se em simples humor festivo. A festa quase deixa de ser a segunda vida do povo”, mas, “na verdade, o princípio da festa popular do carnaval é indestrutível. Embora reduzido e debilitado, ele ainda assim continua a fecundar os diversos domínios da vida e da cultura”.

Acentuando a abordagem de Bakhtin, ao interpretar a cultura popular tradicional europeia entre os anos de 1500 a 1800, Burke (2010) sustenta que o carnaval era um conjunto de rituais de inversão, uma ocasião de êxtase e liberação marcada por três temas principais, reais e simbólicos: comida, sexo e violência. A figura do Carnaval era representada como um comilão e bebedor jovem, alegre, gordo e sensual que se opunha à Quaresma, geralmente personificada como uma figura magra, em alusão à época de jejum e abstinência de carne, ovos, sexo e entretenimentos determinados pela Igreja.

De acordo com o autor, o grande consumo de carne ocorria de fato e era, ainda, representado simbolicamente: o Carnaval pendurava frangos e coelhos nos seus trajes. A carne também significava a carnalidade, pois a festa era marcada pela luxúria, tema presente nas cantigas com duplo sentido e nos símbolos fálicos das máscaras com longos narizes ou chifres. Assim, a festa carnavalesca proporcionava uma válvula de escape para desejos sexuais normalmente reprimidos.

O carnaval era também uma festa de agressão, destruição e profanação: “a violência, como o sexo, era mais ou menos sublimada em ritual”, afirma Burke (2010, p.254), pois os mascarados podiam insultar os indivíduos, criticar as autoridades, e a agressão frequentemente se ritualizava em batalhas simuladas ou

partidas de futebol, ou era transferida para objetos, pessoas e animais atingidos com bexigas, pedras e lamas.

O carnaval representava o mundo de ponta-cabeça, permitindo a inversão das relações entre os homens, fosse inversão etária, de sexo ou de status: o filho batia no pai, o empregado dava ordens ao patrão, o leigo pregava para o clero, os pobres davam esmolas aos ricos, a mulher triunfava sobre o marido, enfim, era uma época de comédias e fantasias que permitia a troca dos papéis sociais, como afirma Burke (2010, p.256): essas imagens eram ambíguas e assumiam “sentidos diferentes para diferentes pessoas, e possivelmente ambivalente, com diferentes sentidos para a mesma pessoa”.

Di Meo (2001) sustenta que os eventos festivos agem como uma verdadeira catarse, desativando os conflitos e tensões sociais em uma espécie de ritual que acaba por reforçar a unidade do grupo, consolidando os valores essenciais às profundas necessidades de sobrevivência territorial e social. Ao permitir a expressão das ambiguidades e das contradições sociais, combatendo-as simbolicamente na cacofonia e no escárnio, as injustiças parecem mais suportáveis. Assim, o modelo ritual da festa faz dela um instrumento de reprodução dos fenômenos sociais e territoriais. O autor associa a dimensão geográfica à função social da festa, e sublinha importantes elementos para pensá-la em uma perspectiva espacial e identitária, ressaltando seu papel político e cultural, seu valor de troca socioeconômico e seu papel de regulação social e territorial. O sentido social da festa pode ser interpretado a partir das imbricações entre os eventos socioculturais e os lugares específicos onde tais eventos são criados e realizados. A festa revela, assim, a natureza dos laços territoriais, pois veicula signos espaciais através dos quais os grupos se identificam a determinados contextos geográficos que reafirmam sua singularidade.

Neste sentido, Di Meo (2012, p. 54) compreende “a festa como código sociocultural e simbólico, impresso no espaço geográfico”, que se inscreve nas lógicas sociais do momento. O espaço territorializado pela festa apresenta uma configuração simbólica efêmera – traça um espaço-tempo tão breve quanto intenso – e reproduzível, referindo-se ao ritmo cíclico das festas no calendário social. O autor ressalta, ainda, que este território-evento se inscreve nas representações

sociais, participando de uma vontade ideológica e política que contribui para forjar uma ideologia com forte marca territorial.

As festas modificam o cotidiano, o espaço e o tempo das comunidades, mas não devem ser vistas como opostas ao cotidiano e sim integradas a ele, de acordo com Guarinello (2001, p.972): “a festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado”, e que pode gerar a produção de uma determinada identidade.

Depreende-se que as festas ocupam papel relevante na dinâmica social, são produzidas e reproduzidas a partir das relações e materialidades do espaço geográfico, e constituem-se uma importante temática para a inteligibilidade das relações dos homens entre si e com os lugares. Entretanto, pouco numerosos são os estudos geográficos que investigam as manifestações festivas.

Na perspectiva da geografia cultural, Furlanetto (2014) e Filizola (2014) investigam, respectivamente, as festas do boi-de-mamão no Paraná e do boi-bumbá em Rondônia, tecendo reflexões sobre as visões de mundo e as relações que determinados grupos sociais estabelecem com as cidades de Antonina (PR) e Guajará-Mirim (RO), a partir do festejo do boi.

Sobre as abordagens investigativas referentes à dinâmica espacial das festas, Maia (1999) apresenta: as territorialidades das festas populares, que analisam as relações de poder projetadas no espaço da festa; as redes geográficas formadas pelas festas, compreendendo as redes sociais da organização da festa, as relações da festa com outras festas e as redes de mercadorias e bens simbólicos comercializados nas festas; as festas e(m) seu lugar, que discute os aspectos simbólicos e identitários dos e nos lugares; a espacialidade das festas, que trata dos estudos comparativos entre festas e da apropriação dos espaços pelas práticas festivas.

As festas, segundo Bezerra (2008), refletem o modo como os grupos sociais percebem e concebem seu ambiente, celebrando, ritualizando e (re)atualizando as experiências sociais e as representações identitárias locais.

As relações entre festa e lugar também são apontadas por Ferreira (2003). Concebendo o lugar como eixo articulador da escala local a escalas globais, o autor destaca a questão da relação espaço/poder intrínseca ao evento festivo, ressaltando

as múltiplas conexões entre os diferentes atores e elementos que se encontram em jogo no momento da festa.

Ao abordar as festas religiosas, Cavalcante e Oliveira (2012) analisam as dinâmicas verticais e horizontais que constroem o sentido festivo do Santuário de Fátima, em Fortaleza (CE), bem como a legitimação e a posteridade que a festa oferece às representações a ela vinculadas, demonstrando o sentido geográfico da dinâmica da festa em seu âmbito relacional.

Diante do exposto, percebe-se que a festa inscreve, no espaço e no tempo, o que a sociedade diz sobre si mesma: uma escrita plena de múltiplos simbolismos e implicações territoriais, portanto, profundamente geográfica.

NASCIMENTO E AFIRMAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

Era uma vez...o carnaval de Fano é uma tradição que se perde nas brumas do tempo. A primeira notícia nos é dada pelo historiador Nolfi (s/d), o qual narra a reconciliação das famílias Del Cassero (facção denominada *guelfa*, favorável ao papa) e Da Carignano (facção *ghibellina*, favorável ao imperador) quando, após as lutas municipais, se inicia um período de paz e tranquilidade na cidade, e se institui entretenimentos públicos que se intensificam na semana gorda. Nolfi fala sobre a matança do porco, a caça ao touro, a Corrida das Bandeiras e o singular “jogo das tripas” realizado na praça principal, no qual lutavam os pracistas e os açougueiros usando estômagos de boi para golpear o adversário – vencida aquele que permanecia em pé. O jogo suscitava a diversão e o riso popular, mas era julgado indecente, e por isso foi substituído pelo tiro ao alvo com a besta ou balestra – arma antiga para arremesso de projéteis.

No domingo de carnaval, oferecido pelos pracistas e açougueiros, corriam dois palios: um vermelho (corrida de cavalos) e outro verde (corrida das éguas), seguido da corrida dos asnos e, ao final, dos homens nus. O prêmio era diferente dependendo do palio, e os que chegavam por último recebiam um trote. Esta tradição, relatada por Nolfi (s/d), pode ser atestada em um documento do Archivio Storico Comunale di Fano, datado de 1347, o que coloca o carnaval de Fano entre os mais antigos da Itália.

A tradição continua a manter-se viva, conforme evidenciam documentos datados de 1359, do Archivio Storico Comunale di Fano, e de 1453, do Archivio di Stato. Berardi (1995) cita um manuscrito de 1508, que apresenta a elaboração de estatutos, no qual a quinta coluna referencia o carnaval como partido cívico da cidade. E outro manuscrito de 1711, observado no Archivio Biblioteca Federiciana, descreve um baile de máscaras realizado para o divertimento das mulheres.

Segundo Battistelli (1981), em 1718 o carnaval de Fano recebe um espectador especial, James Stuart III, o jovem rei da Inglaterra.

Verificou-se que a cidade comemorava o carnaval com corridas de cavalo, competições, bailes de máscaras e festas, mas os documentos não atestam a presença de carros alegóricos nem o lançamento de doces e confetes, características marcantes do atual carnaval de Fano. Apenas uma canção do século XVIII, observada em manuscritos de 1765, do Archivio Biblioteca Federiciana, referencia o desfile de carruagens nas festas carnavalescas: "*De strani volti apparsi/ Per me ciascun festeggia/ E da confetti sparsi/ Per me la via biancheggia/ Per me van Cocchi in corso/ Ricchi d'oro e cristalli/ E amor governa il morso/ Ai fervidi Cavalli*"¹.

A continuidade da tradição é assegurada por um processo criminal, verificado no Archivio di Stato, que relata um acidente ocorrido no ano de 1803, quando uma carruagem com decorações e máscaras carnavalescas derrubou e feriu uma mulher, ao exhibir-se pelas ruas na última terça-feira de carnaval. Acidentes como este ocorreram até 1900, quando foram estabelecidas as medidas para as carruagens.

O carnaval era como um divertimento, um prazer para todos, os plebeus e os nobres. Estes, na verdade, se misturavam com o povo nas ruas e organizavam manifestações para o entretenimento popular. À noite, depois de um dia transcorrido na praça, os homens comuns voltavam para casa, enquanto os nobres continuavam a festejar no *Teatro della Fortuna*, que foi o verdadeiro protagonista – como se pode apurar em diversas resoluções do Conselho Municipal de Fano, órgão responsável pelo financiamento para o entretenimento público no período do carnaval – das noites carnavalescas, entre bailes de máscaras e obras teatrais, até os dias atuais, com exceção do período da guerra.

¹ "Com rostos estranhos se mostram/ Para mim cada um festeja/ E de confetes espalhados/ Para mim a rua se torna branca / Para mim vão carruagens na rua/ Ricas de ouro e cristais/ E o amor rege o freno/ Dos cavalos fervorosos" (tradução livre das autoras).

Até 1951, conforme Berardi (1995), as festividades e as carruagens se moviam ao longo da *Corso Vittorio Emanuele*, atual *Corso Matteotti*. A partir desta data, os organizadores deslocaram os festejos para um espaço mais amplo, a *Viale Gramsci*. Com esta mudança começou a história recente do carnaval. O novo percurso atesta a evolução dos carros alegóricos, sua crescente imponência e aperfeiçoamento técnico.

O carnaval de Fano diferenciou-se de outros carnavais italianos pela presença da *Musica Arabita*, do *Pupo*, dos carros alegóricos com sua iluminação e jato de doces. Essas tradições culturais, ainda presentes nas atuais festas, remontam alguns séculos.

Segundo Tombari (1974), como em outras cidades italianas no período da Idade Moderna, Fano era constituída, política e geograficamente, por dois níveis sociais: dentro das muralhas históricas viviam os detentores do poder – o clero, os nobres e os ricos proprietários de terras – e, na parte externa, os trabalhadores e marinheiros. Estas duas facções eram culturalmente exclusivas, apesar de ligadas na esfera da cotidianidade. Nas noites de festa, em especial, os nobres se reuniam nos salões musicais para apreciar, sobretudo, obras para piano, violino e harpa, em eventos inacessíveis aos plebeus. Tal exclusão foi uma das razões que levou alguns moradores a fazer uma música furiosa – o termo *arrabiata*, em italiano, ou *arabita*, no dialeto *fanese*, significa raivosa. O rumoroso som dos instrumentos improvisados com panelas, latas e garrafas, era uma forma de satirizar as suaves e delicadas melodias apreciadas nos salões.

Assim, conforme Tombari (1974), a *Musica Arabita* nasceu de um grupo *fanese* que organizava serenatas musicais ao som de chocalhos, sinos, latas, garrafas, panelas e tampas, ferramentas de trabalho como serra, tesoura, alicate, como uma paródia das grandes orquestras. Era uma forma de diversão das pessoas simples, excluídas dos salões de festa da cidade. Com o intuito de revitalizar esta alegre tradição, em 1923 foi fundado o famoso grupo de *Musica Arabita* de Fano, o primeiro exemplo, na Itália, de uma banda peculiar e original que consiste em uma seção de instrumentos de sopro e outra de instrumentos característicos e bizarros, as chamadas *batanaj* (bugigangas, quinquilharias), como as tesouras, as máquinas de café e as de quebrar nozes, e outras ferramentas gigantes e coloridas que mantêm o ritmo musical e tornam as apresentações engraçadas.

Outro elemento singular da festa é o *Pupo*, um boneco de papel machê ou fibra de vidro, símbolo da máscara do Carnaval de Fano que, desde o início, apresenta uma característica particular que evoluiu e foi atualizada graças à fantasia, à ironia e ao humor dos *fanesi*. É precisamente este espírito popular, uma fonte inexaurível que caracteriza os carros alegóricos e desencadeia a alegria do carnaval.

Singular em confronto às demais máscaras italianas, por conservar o espírito humorístico do personagem, o *Pupo*, de acordo com os moradores de Fano, tem a característica de ser diferente a cada ano porque é um sinal, um espelho do tempo, uma imagem de um momento histórico e social ou de um acontecimento específico.

De acordo com Berardi (1995), tentou-se dar um caráter fixo à máscara do *Pupo* como síntese histórica da cidade, que representasse o carnaval de Fano ao longo do tempo. Assim nasceu *El Vulon*² (figura 1) em 1951, o personagem mais representativo do carnaval de Fano. Entretanto, ele durou apenas um carnaval porque a imaginação popular, desenfreada e eufórica, não queria ser circunscrita aos padrões fixos de uma imagem, e decidiu-se retornar à inspiração livre, todo ano sempre novo e diferente.



Figura 1: *El Vulon* (1951).
Fonte: www.lavalledelmetauro.org

² Nato da fantasia de Rino Fucci, *El Vulon* é polimorfo, tem várias faces: de um lado se mostra com uma vestimenta romana, com a couraça e o coturno; de outro se vê um menestrel medieval, e também um *dandy* com monóculo e cartola, que toca um instrumento estranho, entre o bandolim e o violão; enfim, é um personagem vaidoso, jocoso, que se considera o dono da verdade e insulta as pessoas.

Entre as famosas representações históricas do *Pupo*, conforme Berardi (1995), encontram-se: *Turneo Dla Brasciola* (1950), um cozinheiro com colares e salsichas que cavalga um grande porco e empunha um garfo no qual se ergue um bife; *La Vespa* (1952), representação do agricultor com as faces rosadas, que chega de *vespa* (motocicleta) na festa, acompanhado, infalivelmente, das aves domésticas; *El Veturin* (1956), o cocheiro, taxista de um tempo, desta vez um símbolo da paz “carnavalesca” entre o homem e o animal, porque o cavalo está sentado ao lado do cocheiro, ambos sobre a carruagem; *Lo sciatore acquatico*, o esquiador aquático, na década de 1960, revela o novo esporte da moda: um homem bigodudo em antigo traje de banho com listras vermelhas e brancas, um grande chapéu de palha, lutando para manter o equilíbrio sobre um enorme esqui; *El Terne Sech* (1973), o terno da loteria, um rei com a face feliz porque adivinhou três números do jogo, cercado por pedras redondas como aquelas do bingo, cujo corpo se move como um fantoche ao ritmo de canções populares. Depois, o *boom* do petróleo transformou o *Pupo* em xeique; na Olimpíada mexicana, o *Pupo* era um torcedor; com o sucesso do filme “Embalos de sábado à noite”, ele se tornou a representação de John Travolta.

O *Pupo*, portanto, é o sinal dos tempos, caricatura de figuras originais para a atualidade, um “sujeito” mantido em grande segredo pelos trabalhadores, que não aceitam os visitantes nos galpões. Sua saída deve surpreender e espantar, fazer rir porque expressa o imaginário popular.

O carnaval de Fano parece seguir um ritual que se repete a cada ano: um sonoro *petardo* (pequena bomba) e a palavra *via* (vai) anunciada nos alto-falantes espalhados pela cidade dá início à festa. Os carros alegóricos são os protagonistas do carnaval, avançam na majestosa avenida, ricos de cores, movimentos e efeitos cenográficos.

Atualmente, os desfiles acontecem aos domingos, durante três finais de semana, no mês da festa carnavalesca. O carro com o personagem do *Pupo* abre o desfile dos carros alegóricos, os quais fazem três giros pelas ruas da cidade. O primeiro giro, que começa no início da tarde, pode ser visto como uma volta de apresentação; no segundo há o jato de doces; e no terceiro giro, os carros mostram uma iluminação especial.

O lançamento de doces sobre os visitantes, que até poucas décadas atrás era feito de confetes, é uma característica que distingue o Carnaval de Fano de todas as outras manifestações análogas: uma chuva de chocolates e doces, nem sempre de excelente qualidade, mas procurados e recolhidos pela multidão, especialmente pelas crianças. Quando os carros começam o lançamento, todos se envolvem em um emaranhado frenético de mãos estendidas para pegar o máximo de doces. Os mais criativos usam um guarda-chuva invertido ou os casacos como redes para recolher as guloseimas. O jato vem não só dos carros, mas também dos palcos e das arquibancadas ao longo do caminho, cujos grupos mais animados parecem travar uma batalha com os carros que desfilam.

No terceiro e último giro, os carros parecem renovados, e se apresentam ao público sob uma nova luz, graças à iluminação colorida e aos efeitos especiais: fumaça e bolhas de sabão. Depois deste momento, como por uma magia, tudo termina: as luzes se apagam, as músicas ensurdecedoras se calam, as pessoas se distanciam em direções diferentes, e uma nuvem de fadiga parece envolver a cidade. Apenas os garis começam a limpar as ruas para que o tráfego retome sua regularidade. Mas, as crianças, provavelmente, carregam o sorriso e a recordação de momentos felizes em suas histórias de vida.

RESULTADOS: REPENSANDO AS TRADIÇÕES CARNAVALESCAS

Percebe-se que as seculares tradições carnavalescas de Fano têm sido mantidas. Entretanto, como tais valores culturais podem ser entendidos na atualidade? Quais são os signos espaciais veiculados pela festa? Ainda permanecem os costumes que rememoram o desejo de se encontrar, divertir-se e transgredir?

Com relação ao sentido social da festa, considerado a partir das imbricações entre o evento carnavalesco, os sujeitos e a cidade de Fano, em conformidade a Di Meo (2001), é possível afirmar que o carnaval perdeu grande parte do valor identitário que o caracterizava no passado, e resiste pela vontade de manter viva uma manifestação cultural que agrega valor distintivo à comunidade. Parece ser, cada vez mais, uma tradição que pertence ao passado e que possui laços cada vez mais frágeis com o presente. Certamente é uma atração turística e um evento que

caracteriza a imagem da cidade, entretanto, não demonstra ser um evento sentido e vivido pela maioria da população local.

No carnaval de 2014, ao desfilarem pelas ruas, o grupo de *Musica Arabita* de Fano (figura 2) executava melodias populares e folclóricas de diferentes países, entre elas a famosa Aquarela do Brasil.



Figura 2: Carro da *Musica Arabita*.
Fonte: As autoras (2014).

O grupo se denomina *Musica Arabiata Enzo Berardi* em homenagem ao seu primeiro maestro. E a figura singular do grupo é certamente a do maestro, que exerce mais a função de chefe da banda que de condutor musical: um personagem vestido de cartola e casaca vermelha, colete amarelo, gravata borboleta, apito e, em sua mão esquerda, uma grande luva branca com dedos gigantes.

A *Musica Arabita* expressa alegria e descontração, demonstrando o caráter espirituoso dos artistas de Fano, uma tradição que permanece como símbolo da história e da criatividade *fanese*. Para os sujeitos que fazem a festa, a *Musica Arabita* destaca-se como motivo de orgulho à comunidade, e parece contribuir como um elemento de referência no processo de construção identitária local.

O *Pupo* (figura 3), no carnaval de 2014, representa o pescador, possivelmente uma alusão aos marinheiros e ao Porto de Fano, o qual, durante muito tempo, foi um símbolo da cultura pesqueira e do poder econômico locais. Portanto, mostra-se uma releitura que exalta o passado glorioso da cidade.



Figura 3: *Pupo*.
Fonte: As autoras (2014).

Outro carro alegórico, *El Bugiardon*, era decorado por várias figuras do Pinóquio, o boneco lendário cujo nariz cresce quando ele conta uma mentira. Parece pertinente questionar se o longo nariz do boneco poderia ser percebido como um símbolo fálico, um traço que referencia as festas da Idade Moderna descritas por Burke (2010), ou se o boneco mentiroso seria uma crítica com viés político.

Entre os carros alegóricos via-se, também, *La Dolce Fortuna* (figura 4), denominação que relaciona a riqueza e a fortuna de outrora ao doce prazer de se degustar o chocolate produzido por determinada empresa multinacional. Percebe-se, assim, a reapropriação simbólica das heranças culturais de Fano em função de uma estratégia mercadológica da indústria de chocolate, patrocinadora do carro. Neste sentido, a festa se torna instrumento para veicular produtos e bens de consumo, como argumenta Di Meo (2001).

Outro carro, intitulado *Horror Carnival Party*, evidenciava no próprio nome e nas músicas veiculadas em idioma inglês, a influência da cultura norte-americana no evento festivo da Itália.

Percebe-se assim que os carros alegóricos, que deveriam ser os protagonistas da festa, hoje expressam menos as tradições locais e, muitas vezes,

apresentam temas da atualidade nacional e europeia. Tal fato não é negativo, mas sinaliza a perda de sensibilidade para as questões locais e, por isso, também para o sentido de pertencimento. Os espectadores são cada vez mais passivos, e parecem se interessar mais pelo jato de doces que pelos próprios carros.



Figura 4: *La Dolce Fortuna*.
Fonte: As autoras (2014).

Também se perdeu o sentido de demonstração de poder das famílias mais abastadas, que pagavam para poder subir nos carros e ostentar sua própria riqueza com um poderoso jato, ou seja, o lançamento de doces representava um símbolo de status e exprimia uma competição entre as famílias emergentes de Fano. A perda deste espírito de competição parece ter subtraído parte dos recursos destinados à realização do carnaval, pois atualmente as doações dos cidadãos mais abastados têm sido encaminhadas a outras finalidades sociais, o que torna a festa mais onerosa à comunidade local.

A disputa pelo carro alegórico mais criativo e bem ornamentado fazia com que, até poucos anos atrás, os moradores se organizassem para construir as alegorias carnavalescas, um trabalho coletivo voluntário. Hoje, são contratados profissionais para fazer a festa, pois a comunidade não demonstra vontade de cooperar e se envolver em uma empresa como essa. Percebe-se, assim, uma menor participação da comunidade, ou seja, aparentemente, perdeu-se o sentido de coesão promovido pela festa.

Antigamente, como relataram alguns moradores de Fano, nos meses de inverno que antecedem a festa, um grupo de operários, artesãos, escultores, mecânicos e estudantes se reuniam em um galpão e, com alegria e criatividade, trabalhavam com papel, cola, pranchas de madeira, ferro, resina e vidro para dar vida aos carros. Para esses sujeitos, mais que uma oportunidade de expressar artisticamente suas ideias e emoções, a festa era o entrelaçamento dos laços sociais. Os artistas populares se inspiravam em fantasias, fatos políticos e sociais relacionados ao personagem do *Pupo*.

Portanto, a população se envolvia com a festa. Nos dias antecedentes ao carnaval, reinava certa expectativa e curiosidade: o rádio e os jornais anunciavam a chegada do *Pupo*, e a cidade era forrada por cartazes que revelavam parte da sua identidade. Normalmente, o manifesto era um poema em língua vernacular *fanese*, fruto de poetas locais que, com fervor e paixão, incentivavam a participação da comunidade no carnaval. Os cidadãos eram capazes de interpretar imediatamente o significado simbólico e humorístico do *Pupo*, um personagem vivo entre os moradores desde sua revelação até o momento de entregá-lo às chamas.

A apoteose final era a morte do *Pupo* nas chamas: o "bode expiatório", o animal levado ao altar sacrificial, símbolo sobre o qual a comunidade descarrega toda a culpa coletiva cometida durante o ano. Na praça central de Fano, no último dia do carnaval, a terça-feira gorda, o ritual de queimá-lo purifica os presentes e, assim, conclui o período carnavalesco. No dia seguinte se inicia a Quaresma com seus ritos penitenciais e o início de um ano de trabalho duro e difícil para a maioria da população, pelo menos no passado.

Sendo a festa uma produção do cotidiano, parafraseando Guarinello (2001), hoje já não se queima o *Pupo*, ele é substituído por outro mais econômico. O *Pupo* não morre com o fogo. Portanto, a apoteose é diversa.

Assim, de acordo com os relatos dos moradores, parece que se desvaneceu a euforia que, no passado, fomentava a preparação para o evento e sua manifestação: na cidade, nos círculos sociais, nos encontros para um café, todos estavam motivados e entusiasmados por meses, agitados para conceber extravagâncias regionais. Até poucos anos atrás, todos estavam comprometidos com o prestígio da festa, e cada imagem era a genuína expressão popular, tinha sua

própria palavra, singular e inconfundível. Portanto, atualmente, o carnaval de Fano não parece veicular signos espaciais através dos quais os sujeitos se identificam.

Certamente que, além de atrair turistas, o evento oferece trabalho para muitos artistas e também para as diferentes pessoas envolvidas em sua organização. Na realidade, o fluxo de pessoas na ocasião dos desfiles não pode ser definido como turismo no senso completo do termo, pois os visitantes permanecem na cidade por algumas horas ou um dia, sem pernoite. A afluência, em geral, vem das áreas internas ou regionais, e são poucos os que aproveitam o período matinal para visitar a cidade.

Esta afluência de visitantes gera uma mudança na utilização do espaço urbano de Fano. Nos dias que antecedem o evento, a cidade fica alvoroçada: na Estrada Nacional Adriática, que atravessa a cidade e na qual há os desfiles de carros alegóricos, vê-se uma grande confusão causada pelos trabalhadores que transportam materiais para montar o palco e as arquibancadas. Isto cria alguns inconvenientes para os motoristas, que enfrentam longas filas e precisam estacionar em outro lugar porque as estradas estão parcialmente ocupadas.

Neste período, o aspecto da cidade muda completamente, a rua principal é fechada ao trânsito e isso causa problemas de tráfego, além de mudanças estruturais. As ruas normalmente tranquilas são inundadas de carros, algumas que geralmente são em dupla direção se tornam sentido único, e os estacionamentos ficam repletos com os carros dos visitantes provenientes, sobretudo, de áreas circunvizinhas. Enfim, toda a estrutura e viabilidade da cidade se transforma, e esta nova situação não é aceita de bom grado por alguns moradores. Em várias ocasiões, os organizadores tentaram mudar o percurso do desfile, mas não conseguiram por razões técnicas e burocráticas.

Nos últimos anos verifica-se, ainda, a diminuição da presença dos moradores de Fano e das áreas imediatas, talvez devido ao fato de cada província ter seu próprio evento carnavalesco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia cultural, enquanto ciência que explora as experiências que homens e mulheres têm em diferentes espaços, e os sentidos que eles atribuem à

sua existência, viabiliza a apreensão das festas populares no âmbito dos seus aspectos materiais e simbólicos. Neste sentido, considerando-se a festa como uma criação coletiva capaz de revelar as representações e os valores sociais que um determinado grupo atribui ao seu espaço, analisou-se a festa carnavalesca da cidade de Fano.

O carnaval de Fano se mostra como uma edição sucessiva ao longo do tempo, na qual há elementos de continuidade e de profunda diversidade: as alegorias são renovadas anualmente, refletindo os acontecimentos, as atitudes e os valores culturais da comunidade. Assim, os carros, os artistas, os participantes e espectadores da festa, enfim, tudo se transforma, expressando um novo contexto histórico. Basta pensar nas festas carnavalescas antes e depois da guerra, para exemplificar como os diversos eventos históricos provocam mudanças nas formas de pensar e agir individual e coletivamente.

Os eventos humanos são irrepetíveis, e por isso também a sociedade, o ambiente, a geografia, a história, a arte, e todas as expressões humanas. Portanto, considerando-se um longo período, as festas carnavalescas de Fano podem ser vistas como uma continuidade – enquanto ritual que se transforma ao longo do tempo. E, em um breve período, o carnaval promove uma descontinuidade na cotidianidade humana, oferecendo momentos de interrupção das atividades de trabalho à quase toda população, o que pode representar (ou não) uma celebração coletiva na qual reina a alegria, o lazer e o encontro com o outro.

Na cidade de Fano, o envolvimento coletivo, que no passado garantia a alegria e a descontração, parece consideravelmente reduzido. Aparentemente, a tradição da festa permanece como um símbolo de status para a comunidade que, apesar de revisitar as tradições locais, não representa hoje um forte elemento identitário. A festa se mostra como uma marca de Fano, que garante não a coesão da comunidade local, mas uma imagem externa singular da cidade, que assim se reconhece herdeira de um passado glorioso. Tal imagem parece, portanto, ser um sinal de reconhecimento para os turistas e visitantes, não para os moradores. Neste sentido, a festa pode ser considerada um instrumento para forjar uma ideia que acrescenta valor à cidade e garante uma frequência turística, superando outros balneários dotados de uma melhor estrutura hoteleira e ambiental, mas privados de uma imagem tão atraente.

O jato de doces, a iluminação, o *Pupo* e a *Musica Arabita* sobrevivem como manifestações de uma tradição secular do carnaval de Fano. Porém, aparentemente, é a *Musica Arabita* que se mostra como um símbolo original e significativo da festa, capaz de contribuir ao processo de construção identitária *fanese*.

Na realidade, os tempos mudaram: a visão global do mundo parece comprometer a identidade *fanese* e enfraquecer os laços de pertença e o desejo de participação na festa carnavalesca. Atualmente, parecem mais fortes as desconfianças, as inseguranças, os medos, e menor é a expressão dos eventos e da comunidade de Fano. As pessoas se transformaram, e quer parecer que a mensagem do carnaval perdeu os múltiplos significados que valiam na época de menor bem-estar, de maiores dificuldades e sacrifícios e de pesados controles da sociedade (e das religiões) sobre o comportamento individual. O modo de diversão foi profundamente alterado. Hoje se festeja em qualquer momento. Os jovens não esperam mais o carnaval para transgredir ou procurar oportunidades para se divertir: todo fim de semana é experimentado como um carnaval e, se possível, todos os dias.

Atualmente, são as áreas internas da região italiana de Marche, os centros menores que mantêm uma tradição carnavalesca, certamente mais simples, menos grandiosa, porém mais participativa. Nestas áreas, o anonimato é menos forte, todos se conhecem e o evento é mais circunscrito, as mensagens são facilmente decifráveis porque há mais coesão, uma identidade social mais homogênea e maior envolvimento e participação da comunidade. Nas festas carnavalescas desses centros menores ainda é tangível a vontade de se divertir coletivamente, e são visíveis as denúncias sociais, a ironia e a crítica política.

A cidade de Fano, plena de uma antiga e gloriosa tradição, deveria, talvez, recuperar esses traços dos carnavais menores e, sobretudo, promover uma obra de sensibilização da população, valorizando os traços positivos desta manifestação. Neste sentido, o carnaval poderia fomentar, como no passado, o envolvimento e a participação da comunidade, renovando aquela antiga ligação entre a festa e os moradores, revitalizando, assim, os vínculos de pertencimento ao lugar e à cultura *fanese*.

Referências

Archivio Storico Comunale di Fano. **Depositaria**, vol. 4, 1347.

Archivio Storico Comunale di Fano. **Depositaria**, vol. 17, 1359.

Archivio di Stato. Sezione di Fano. **Libro dei Malefici**, vol. 49, 1453.

Archivio di Stato. Sezione di Fano. **Processi Criminali** n° 6, 1803.

Archivio di Stato. Sezione di Pesaro. **Editti e Notificazioni**, tomo XIV, 1800-1803.

Archivio Biblioteca Federiciana. **Il Carnevale**. Fano, Sala Manoscritti, 1711.

Archivio Biblioteca Federiciana. **Il Carnevale**: Canzonetta. Fano, Sala Manoscritti, 1765.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara F. Vieira. São Paulo, Brasília: Hucitec/Ed. da Universidade de Brasília, 3. ed., 1993.

BATTISTELLI, F. **Notiziario di informazione sui problemi cittadini**. Fano: Archivio Storico Comunale, 1981.

BERARDI, A. **Nuovi studi fanesi**. Fano: Note e documenti storici sul carnevale, 1995, p.105-110.

BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 23, 2008, p. 7-18.

BURKE, P. **Cultura popular na Idade Moderna**: Europa 1500-1800. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CAVALCANTE, T. V. ; OLIVEIRA, C. D. M. Geografias relacionais: a festa no Santuário de Fátima em Fortaleza-CE. **GeoTextos**, vol. 8, n. 2, dez. 2012. p.123-148.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CLAVAL, P. A Geografia cultural: o estado de arte. In CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p.59-97.

DEL PRIORE, M. L. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DI MEO, G. **La géographie en Fêtes**. Paris: Ed. Geophrys, 2001.

FERNANDES, N. N. Geografia cultural, festa e cultura popular: limites do passado e possibilidades do presente. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.15, 2003, p.1-20.

FERREIRA, L. F. O lugar Festivo: a festa como essência espaço-temporal do lugar. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.15, 2003, p.1-31.

FILIZOLA, R. **Duelo na fronteira**: entre a redimensão de uma nova espacialidade e a construção de uma identidade de resistência. 229 f. Tese (Doutorado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

FURLANETTO, B. H. **Paisagem Sonora do boi-de-mamão no litoral paranaense**: a face oculta do riso. 212 f. Tese (Doutorado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

GUARINELLO, N. L. Festa, trabalho e cotidiano. In JANCSÓ, I. ; KANTOR, I. (orgs). **Festa, cultura e sociabilidade na América Portuguesa** (vol. 2). São Paulo: Hucitec/Edusp, 2001.

MAIA, C. E. S. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares. In CORRÊA, R. L. ; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

NOLFI, V. **Delle notizie storiche**: la fondazione, varietà di governi e successi memorabili della città da Fano, s/d.

OLIVEIRA, A. ; CALVENTE, M. C. M. H. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. **Interações**, Campo Grande, v. 13, n. 1, 2012, p. 81-92.

TOMBARI, F. **Tutta Frusaglia**. Milano: Mondadori, 1974.

(Recebido em 08.06.2015; Aceito em: 05.02.2016)